



**APRESENTAÇÃO**  
ARTIGOS LIVRES E  
ENSAIOS DE GRADUAÇÃO

Um dos aspectos históricos mais relevantes sobre o capitalismo é que suas origens dependeram do avanço dos cercamentos. Não vamos no ater a desmembrar essa velha história aqui, em uma apresentação de edição da nossa revista, mas queremos registrar algumas impressões que nos afetam enquanto editoras, pois nos percebemos diante de um delicado horizonte e estamos alertas aos novos cercamentos do conhecimento científico. Viemos defender a dimensão pública do conhecimento que ajudamos a divulgar.

As revistas de acesso aberto compõem, hoje, verdadeiras trincheiras de resistência à privatização da ciência, nesse *front* em que já perdemos tantas batalhas. Se periódicos abertos são o caminho mais democrático para quem se interessa pelo conhecimento, é ainda também para quem produz ciência, apesar dos pesares. Mas vai além, o rigor e a ética prescritos nos periódicos abertos no Brasil garantem que a gratuidade esteja alinhavada à qualidade, na justa contramão da lógica privatista. Ora, quantos de nós já recebemos, e aos montes, convites de periódicos e editoras predatórios para publicações que nos permitiriam requestrar e republicar textos de outrora, por um preço descrito como bagatela? Eis uma armadilha dos novos cercamentos da ciência em tempos de produtivismo. É preciso resistir.

Ainda que nosso esforço de reflexão possa culminar em alguma generalização, o fato é que reconhecemos que não se produz revistas acadêmicas sem custos, e muitos de nós lutamos para que eles não sejam repassados a autoras/es e leitoras/es porque enfrentamos esse debate como muitos camponeses ingleses fizeram frente aos cercamentos de terras no XVI e XVII, ou seja, como perspectiva de sobrevivência. Do lugar de onde falamos, como curso de graduação em campus de interior em uma universidade periférica, ainda sem a vinculação formal a um programa de pós-graduação, e sem acesso a linhas de financiamento e subsídios que poderiam refletir em apoio às equipes que integram a revista, só poderemos sobreviver se mantivermos o compromisso e a qualidade, de que somos tributárias em face das gestões que nos antecederam, desde 2011, com muita luta.

Embora pequena em recursos, pelo trabalho colaborativo, a Trilhas da História tem crescido, mas atravessamos crises como da pandemia (e do pandemônio) observando o quanto a lógica privatista se alastra e engole os poucos campos abertos ainda existentes, e concluimos que todos os lançamentos de números de nossas revistas devem ser celebrados como uma comemoração, sob o risco de sermos repetitivas, por resistirmos

no espaço ainda público de troca de conhecimento. Continuar existindo, com as boas práticas e o compromisso ético da publicação científica séria, significa trabalhar muito, sem recursos. Implica em solicitar perenemente o apoio de parceiros e das nossas instituições, em demandar trabalho árduo a uma equipe não remunerada, em contar com a camaradagem de avaliadoras/es e a paciência de autoras/es, e em lançar mão das redes de contatos de nossos grupos de pesquisas e estudos para capilarizar aquilo que somente algoritmos pagos fariam tranquilamente. Por isso ainda estamos comemorando o fato de que nosso último edital para propostas de dossiês recebeu 29 respostas. Foi desafiador selecionar 4 delas, mas ficamos satisfeitas por deduzir com isso que nossa revista tem conseguido se comunicar com a comunidade científica.

Fazemos isso agora ressaltando a importância do trabalho das equipes de edição e divulgação, alicerçadas pela dedicação de estudantes integrados à Revista via curricularização da extensão ou do programa como PET-História (nenhum/a deles/as bolsista exclusivo/a de nossa revista, pois não temos acesso a essa linha de recursos), e também dos esforços ampliados de Dolores Puga em adentrarmos às redes sociais, um movimento que agora parece compor uma etapa do nosso trabalho, como bem concluíram os/as participantes da mesa-oficina promovida pela ANPUH em outubro de 2022, com o tema “Mídias Digitais é lugar de revista científica?”<sup>1</sup>. Estamos aqui, novamente, celebrando e apresentando a nova edição dessa resistente revista.

A 24ª edição da Revista Trilhas da História traz o Dossiê intitulado “Judaísmos, Cristianismos Antigos e o Ensino da História”, cuja apresentação, pelos proponentes Juliana Cavalcanti (UNISIGNORELLI/MN-LHER-UFRJ) e José Petrucio de Farias Júnior (UFPI-Picos) consta à parte. Além do impecável dossiê, lançamos a seção de artigos livres com três textos que expressam a riqueza e a diversidade temática que tem marcado nosso periódico ao longo do tempo.

O primeiro artigo, intitulado “Trabalho para escravizados cegos: modos de exploração e resistência no século XIX”, de autoria de Bruna Luiza de Oliveira Timoteo, aborda uma temática pouco explorada no interior dos trabalhos sobre a escravidão, lançando luz à experiência de escravizados portadores de deficiência, especialmente, escravizados cegos. A princípio, a autora apresenta um panorama historiográfico sobre

---

<sup>1</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=LYwj1OZCgdo>

o tema e alerta para tal lacuna. Em seguida, para a análise proposta, lança mão de fontes como anúncios ou artigos de jornais do período, de onde também consegue extrair discussões que aludem à exploração da mendicância e das próprias limitações oriundas da deficiência, que tornariam os escravizados cegos mais propensos à disciplina imposta e, portanto, alvos de interesse nesse perverso mercado. Mas Bruna Timoteo não se restringe ao universo da exploração e apresenta o seu reverso, revelando que escravizados cegos também poderiam usar suas condições como “estratégia de acobertamento na fuga e como tática de sobrevivência”.

O segundo artigo da seção é de Fábio Augusto de Carvalho Pedrosa, intitulado “Entre túmulos, anjos e capelas: História e Historiografia dos cemitérios brasileiros”. Como sugere o título, o texto aborda os processos históricos que se articulam às transformações da sociedade em relação às formas como procedemos com “nossos mortos”. O deslocamento de funerais das igrejas aos cemitérios, que no Brasil passa a ser norma em início do século XIX, dialoga não apenas com questões de fundo sanitário vigentes desde a Europa, mas também com o período das construções de progresso e modernidade que marcaram aquele tempo, atravessadas por um caleidoscópio temático, entre artes, arquiteturas e histórias. Assim como no primeiro texto da seção, Fábio Pedrosa apresenta um panorama historiográfico mapeando os chamados estudos cemiteriais, que na sequência é desdobrado e afinado para os cemitérios amazonenses, recorte de sua pesquisa. Com sensibilidade, o autor não deixou de tocar na tragédia vivida em Amazonas no contexto da pandemia, já que as práticas funerárias foram profundamente afetadas nessa conjuntura.

Por fim, o terceiro texto da seção de artigos livres é “O Bum Bum Tam Tam (remix 2021)”: sentidos de educação em saúde na *performance funk* de Mc Fioti”. Com este sugestivo título, Reinaldo Kovalski de Araujo nos convida a refletir sobre a potência pedagógica do *funk* a partir da *performance* “hit da vacina”. O autor coteja o potencial pedagógico da música olhando para as categorias de saúde e educação, utilizando-se dos instrumentais da análise de discurso e do cabedal teórico produzido por Bakhtin. Para Reinaldo Araújo, como educadores, não podemos desprezar as linguagens com que mais dialogam nossos jovens e, no caso da obra analisada, a comunicação-educação voltada para valorização da ciência/vacina (e do instituto Butantan no contexto de crise sanitária) se dava para além das palavras, pois a *performance* também se comunica pelas expressões visuais e corporais. Na sua análise, a música e o clipe

analisados atuam simbolicamente em direção a conscientizações importantes, sobre ciência, sobre *fake News*, sobre a coletividade e sobre o corpo, tudo isso de forma lúdica e com a estética mais afeita à juventude. É um chamamento para olharmos para esse universo controverso como um lugar possível para encontrar instrumentos que nos auxiliem no desafio diário de educar.

Como de praxe, nossa revista publica textos de graduandas/os em uma seção específica. A seção de ensaios de graduação, na edição que ora apresentamos, traz dois artigos que, embora muito diferentes entre si pelos temas e abordagens, proporcionam uma seção de deliciosa leitura. O primeiro é de Maicon Luis Dias Salustiano e tem o título “Além do Arco-Íris: homoerotismo e transformações sociais na história”. Em seu texto, Maicon Salustiano objetiva afirmar que o homoerotismo pertence ao amplo espectro da sexualidade humana, e para tanto, traz os processos históricos que produziram, de um lado, a noção de naturalização da heterossexualidade e, de outro, a perseguição e condenação das práticas homossexuais e homoafetivas. Com um arco de discussão que parte do período helenístico e culmina nas perseguições da modernidade, o autor evidencia como o “Império Cristão reduziu a sexualidade humana num sistema de gênero binário e heterossexista” utilizando-se como instrumento de disciplina o que ele chamou de “perseguição terrorista [...] que propagou das sociedades ocidentais ao resto do mundo o ideal de intolerância aos grupos homossexuais”.

O último texto da edição, na seção de ensaios de graduação, é “A tensão dialética entre sujeito e objeto n’O Capital”, de Lucas Barroso Rego. Trata-se de um texto de fôlego teórico que aborda a obra marxiana a partir das relações entre sujeitos e objetos no sistema capitalista. Lucas Rego lança mão de tais “categorias centrais na escrita de Marx enfatizando os trabalhadores assalariados e as mercadorias, respectivamente, entendendo ambos como produtos finais do capitalismo”. Mas não se atém à hermenêutica do capítulo mais analisado para sua pesquisa, explora ainda dois debates metodológicos que Marx enfrentara, contra os hegelianos de direita e os conservadores durkheimianos, em diferentes momentos. Ao final, o autor ainda demonstra o legado de Marx no que diz respeito à interpretação dialética material da realidade, pela inversão da dialética idealista, na crítica ao romantizado progresso industrial no século XIX, desnudado por Marx de modo tão inédito quanto insuperável, ao menos enquanto estivermos sob a ditadura do capital.

Com esta constelação de textos das mais diversas preocupações e abordagens, esperamos entregar uma edição primorosa, repleta de bons debates, cimentada em muito trabalho cooperativo e na pluralidade científica que endossa os melhores diálogos nas trilhas da história.

As editoras.

Inverno de 2023.